

Boletim

Justiça e Paz



Director: José Carlos Duarte
Edição n.º 3, Set. a Nov. 2007

Periodicidade: Trimestral

Tiragem: 200 exemplares

Distribuição Gratuita

Antigamente: "o pobre é pobre por ser pobre."

Actualmente: "o pobre é pobre porque o rico é rico"



Foi um dos primeiros aspectos realçados no segundo dia da conferência da Comissão Nacional de Justiça e Paz.

Nos nossos dias, a ideia de desenvolvimento acarreta consigo uma noção de superioridade do TER, em lugar do SER. O desenvolvimento para nós, parece não passar para além do crescimento económico, na evolução material, o que nos faz esquecer, desde que para nós essas condições estejam garantidas, que existem pessoas sem absolutamente nada, nem mesmo conhecimentos básicos, ou a percepção da sua existência face ao resto do mundo, dito desenvolvido, que parece tão abrangente.

E ainda que nos seja difícil aceitar as críticas que muitas vezes se tecem ao tipo de crescimento e globalização que se vive, porque acabámos por tirar proveito dela, actualmente não se verifica nada para além de um simulacro de desenvolvimento, através de uma exploração desmedida de

todos os mercados possíveis e vantajosos, ignorando quaisquer valores humanos.

Acreditámos, durante anos e anos, que a racionalidade e evolução técnica ao longo da História iriam permitir uma modernidade equilibrada. Contudo, esta certeza revelou-se um erro. E é exactamente por isso que a nossa busca deve basear-se numa procura quotidiana de valores e coerência, numa tentativa de tentar alterar a sociedade, direccionando os actos e o sistema para o cidadão, integrado no conjunto de todos os cidadãos... no Mundo, portanto.

A Mundialização não foi tão bem sucedida quanto se pensou, mas também não tem que ser um desastre. É apenas uma mudança, mais drástica, que foi mal gerida. Como tal, há que tentar reverter estas circunstâncias tão complicadas, através de uma oposição o mais notória possível à cultura existencial consumista que se vive em países como o nosso, a Norte do globo, através da difusão de um hábito de vida responsável e crítico, desenvolvimento de uma vida comunitária, o mais conhecedora possível do colectivo e da situação mundial, aposta em empresas sociais responsáveis, o evitar da discriminação e da opressão, sem esquecer a importância da defesa da Terra em si e do ambiente.

Seguidamente, foi-nos cedida uma palestra sobre a situação do micro-crédito em Portugal.

No nosso país, a associação a trabalhar neste domínio existe há três anos, e assume-se como um projecto pequeno e modesto.

Funciona através de um procedimento característico dado o tipo de associação: as pessoas que estão numa situação de maior carência financeira procuram este serviço, e expõem um projecto de negócio ou actividade que se sintam capazes de efectuar, mas para a qual precisam de um empréstimo monetário. A associação funciona como um intermediário, que tenta pressionar a instituição bancária, de modo a promover o contrato de confiança que financia o crédito, uma vez que só os bancos é que podem efectivamente ceder as quantias. Os cooperantes auxiliam com todas as burocracias necessárias no processo, acompanhando a pessoa com a concretização do seu projecto e o pagamento das prestações obrigatórias.

Existem, obviamente, muitos problemas, nomeadamente o facto de muitas vezes as pessoas não procurarem, por orgulho, a ajuda de que necessitam. E, para além disto, existem problemas ao nível da própria instituição, nomeadamente de carácter financeiro, dado que é necessário pagar às pessoas que trabalham efectivamente na instituição, não como voluntários, mas como funcionários, e ainda que haja algum apoio por parte do Governo, a situação não se revela fácil.

Todavia, denotam-se resultados muito animadores que revelam a manutenção de cerca de 726 projectos bem sucedidos e a criação de mais de 1000 postos de trabalho.



“Olhar para o outro como parte do património da Humanidade.”

Foi esta a conclusão da conferência que se seguiu.

Todos e cada um de nós temos um papel tanto na existência destas desigualdades tão vincadas, como na sua possível erradicação. Temos que agir por nós, porque um Governo que corresponda, que esteja em condições de corresponder a todas as nossas expectativas é uma utopia.

Para isto, foram sugeridas algumas ideias:

- Pensar em TODOS os cidadãos do mundo, repensando a tão errada distribuição dos recursos;
- Manutenção da Tolerância, filantropia e caridade;
- Exploração das várias formas que a caridade apresenta;
- Não promover uma competição entre as novas formas de caridade estão e as antigas;
- Enaltecer o pluralismo, para que as experiências de pobreza não assumam um carácter violento;
- Acreditar e estabelecer uma identidade comunitária por meio de uma real ligação humana.

Contudo, apesar de todas as propostas de soluções que foram sendo expostas, a divisão entre pobres e poderosos é um das mais antigas da História Universal.

A pobreza era vista como algo individual, mendigagem ou um mal que resultou do insucesso, do azar. Desde do feudalismo... até hoje!

E ainda que tenha existido uma época em que a nação esteve mais consciencializada para a temáticas da pobreza, nota-se novamente um grande retrocesso por factores como: o desenvolvimento de uma cultura básica de estado que deveria, por si mesmo, resolver tudo, o facto de a opinião pública ver a pobreza como algo “normal”. O chamado “inevitável” e tido como “pouca sorte”, e ainda o terrível hábito de assumir que a pobreza resulta da preguiça: ela existe, sim, mas não nos 20% de pessoas que vive, em Portugal, numa situação de pobreza.

Com a Entrada de Portugal na União Europeia nota-se novamente, uma ligeira melhoria nas acções e nas mentalidades, mas os valores que nos chegam continuam a ser verdadeiramente preocupantes: nestes 20%, em 6 anos, entre 1995 e 2000, passaram pela pobreza em pelo menos 1 ano metade das famílias portuguesas. 72% em dois ou mais anos.

É uma situação muito séria, dado que somos um país que se assume como desenvolvido, pertencente à Comunidade Europeia.

O problema da pobreza em Portugal não se prende só com questões políticas e sociais, mas sobretudo de redivisão económica, civilizacional, territorial e de poder. O grave é que estes factos partem da actual estratégia económica que assenta em, primeiramente CRESCER, e só depois SERVIR, o que não é válido, nem sustentável, mas que não está a ser devidamente avaliado pelas entidades competentes.

S.M.

“Desenvolvimento Global e Solidário: que lugar para a cidadania?”

Artigo nº25 da Carta da Declaração dos Direitos Humanos: “ Todos têm direito á não pobreza.”

Foi com este elemento que o conferencista convidado Piérre Sane iniciou o seu discurso, contrastando á partida com a informação de que, actualmente, e exceptuando a China, existem 980 milhões de pessoas a viver abaixo do limiar da pobreza.

A verdade é que é desconcertantemente notório um desequilíbrio entre os países do Norte e do Sul, nunca sendo demais reforçar a noção de que a riqueza está distribuída da seguinte forma: 80% de riqueza para 20% de população no Norte, e 20% de riqueza para 80% de população no Sul.

E enquanto indicamos isto, referimo-nos a números vagos, a valores de que não temos noção e que, á partida não nos afectam porque não temos capacidade de os contabilizar, mas pensemos: no último ano morreram 11 milhões de crianças com uma idade inferior a cinco anos por não terem as condições mínimas para um crescimento saudável.



Portugal, o nosso país, tem 10 milhões de habitantes. Assim, em 2006 foram vitimadas por carência de condições dignas de vida “um Portugal” e mais um milhão de crianças.

Visto assim, dá que pensar...

É urgente que se criem condições que promovam um crescimento económico efectivamente global, justo, que aplique novas políticas redistributivas e permita, por meio de uma nova repartição dos bens e do fim do egoísmo generalizado entre os países, o término das desigualdades inter-países, dentro dos próprios países e entre todos os cidadãos do mundo, garantindo um cumprimento verosímil daquilo que pressupõe a declaração dos direitos humanos.

É necessário que deixem de ser viciosos os ciclos de pobreza e do sub-desenvolvimento, associados a um progresso tecnológico que prejudica os países do Sul e do qual só o Norte beneficia, das guerras, e da própria globalização nos parâmetros em que actualmente se verifica.

Por definição, globalização compreende-se como um processo económico e social que estabelece uma integração entre os países e as pessoas de TODO o Mundo.

Actualmente, com a forma de condução das circunstâncias, obrigamo-nos a assumir um conceito distinto, que não é, de longe, tão justo, nem sequer aceitável.

Como linhas orientadoras do seu discurso, Piérre Sane evocou as seguintes questões:

- 1) A globalização é necessária?
- 2) A globalização é possível?
- 3) A ajuda global é possível?



A Globalização é **necessária**, sim, mas não podemos viver no perfeito exagero a que nos estamos a habituar, tendo por base a miséria de outros. Países como os Estados Unidos da América consomem o suficiente por seis planetas. E a verdade é que só temos UM, e temos que saber viver em harmonia com esse facto.

A globalização sem carecer ninguém pode ser **possível**, pode ser uma realidade, se toda a opinião pública tiver presente o conceito de repartir, de partilhar.

Quanto á **ajuda global**... uma ajuda eficiente, que conduza mesmo á erradicação da pobreza: " Nunca houve tanta riqueza e tecnologia como hoje. Nunca houve tanta capacidade de tornar possível o fim da pobreza."

Todavia, tendemos a esquecer-nos de reflectir no que podemos fazer para ajudar aquela pessoa, aqueles vários milhares de pessoas que vivem sem dignidade, alheadas dos seus direitos fundamentais... esquecemo-nos até de lembrar que elas existem.

Julgo que o mais importante a sublinhar de tudo o que podemos ouvir é que é possível, que não é uma utopia tão inalcançável quanto nos conformamos a crer.

Comodamente, perecemos no disparate de pensar " não vale a pena. Estamos a falar de regiões que nem conhecemos, com imensas pessoas em situação de pobreza. Era preciso mudar o mundo... e não conseguimos fazê-lo."

A energia que gastamos neste fatalismo, o tempo que perdemos nestes pensamentos pode ser rentabilizado de um modo muito mais benéfico.

Sim, é verdade que há demasiadas pessoas a viver pessimamente. Mas esse facto deve dar-nos alento. Não se pede uma mudança do mundo pelas nossas mãos... mas nós somos bastantes, e temos bastante poder. É importante passar a mensagem, pôr todos alerta para o que se passa realmente. Ter noção de que as coisas não estão bem e que há muito que podemos fazer, mesmo que pareça pouco.

Afinal, todos acreditamos na viabilidade dos Direitos Humanos e é isso que, geralmente falando, as nossas atitudes de países "desenvolvidos " estão a negar a demasiados habitantes do mesmo planeta que nós.

" A pobreza é uma negação directa dos Direitos Humanos."

S. A.

Plataforma "Por Darfur"

"Nada garante a segurança de ninguém."

É esta a situação que se vive actualmente no Darfur, localizado a noroeste do Sudão, no continente africano.

Verifica-se uma ineficiência da justiça que toma proporções dramáticas. O conflito, assumido como religioso, mas que detém bases económicas e políticas muitíssimo mais complexas, faz com que populações inteiras, tribos de seres humanos como todos nós se assumam como alvos.

Sendo este um país que se caracterizou historicamente por actividades como a criação de gado e a agricultura, vê-se agora numa situação de fome, doença, violência e morte a uma escala totalmente incompatível face aos valores que defendemos enquanto seres humanos.

As tribos, negras, são atacadas por forças rebeldes a que chamam, traduzindo, "cavaleiros de branco", que destroem as habitações e levam consigo qualquer dignidade de que aquelas povoações pudessem usufruir.

Há falhas ao nível do fornecimento de água, a simples procura de lenha torna-se uma actividade de elevadíssimo risco.

Falamos do Sudão, um país que pelos seus recursos, tem um impacto importante em termos económicos, mas que denota, apenas no Darfur, uma síntese mais gravosa de uma série de problemas generalizados.

Referimo-nos a uma situação em que as mulheres e as crianças se vêem obrigadas a um afastamento dos limites das suas aldeias para ir buscar a água e a lenha necessárias a uma subsistência mínima, que são brutalmente violadas... de um modo de tal maneira frequente que se torna previsível, ou expectável que isto suceda, de cada vez que têm que se ausentar.

Meninas que são agredidas, violadas, que reconhecem perfeitamente o rosto dos agressores, que sabem o seu nome, e ainda assim, não há nenhuma autoridade que faça o que seja para sua protecção ou para retaliação dos criminosos.

Os homens choram, impotentes... agredidos violentamente. Apresentam marcas no corpo, de dolorosos espancamentos a que foram sujeitos por motivos que lhes são alheios ao conhecimento.

As circunstâncias atingiram um tal estado em que a mentalidade generalizada é de que: "Os homens matam-se e as mulheres violam-se."

Conseguiremos nós, cada um de nós sequer imaginar o que é viver sobre esta verdade como base da nossa vivência quotidiana? Supor que, de cada vez que saímos de casa seremos, quase inevitavelmente, vítimas de um qualquer tipo de violência, violência não punida, violência ignorada pelas entidades competentes, sem que tivéssemos oportunidade de nos defender?

Calcula-se um número aproximado de meio milhão de mortos CONTABILIZADOS, muitos desaparecidos... mais de 100 valas comuns.

A verdade é que a situação é de um autêntico genocídio, já foi assumida como tal, mas o governo sudanês nega qualquer ocorrência menos positiva no seu território: "Aqui não se passa nada."

Os mesmos políticos recusam qualquer auxílio humanitário, assinam acordos que deturpam, sendo muitíssimo complicado prestar qualquer apoio que possa ser permanente dado o clima de instabilidade e a situação governamental que se faz sentir.

Todavia, ainda que os factos sejam esmagadores pela sua crueldade, é verdade que "a nossa fraqueza é a descrença na nossa força." E nós podemos mover-nos no sentido de fazer frente a esta situação... de tentar pelo menos tornar estes factos algo do conhecimento público, susceptível de possíveis soluções.



E é exactamente nesse sentido que surge a plataforma "Por Darfur".

Englobando as mais diversas instituições, nomeadamente a Comissão Nacional de Justiça e Paz e a Amnistia Internacional, este projecto pretende, através de uma série de actividades e propostas, tornar conhecida a situação que se vive no Darfur, e tentar procurar soluções no prazo o mais curto possível para a situação inaceitável que se presencia.

As iniciativas são várias:

- A petição de Urgência á Presidência da União Europeia;
- A petição ao Embaixador da China;
- A 16 de Setembro a Concentração para dar voz ao problema do Darfur;
- A 5 de Dezembro, como proposta da Amnistia Internacional, um dia de "Fazer Barulho pelo Darfur", com música, teatro e personalidades associadas.

Tudo para que o verdadeiro holocausto presente no Darfur se torne uma prioridade em todos os órgãos de interesse e poder público, de maneira a que as soluções se tornem algo real, efectivo... algo que assuma uma posição de destaque e de preocupação cimeiras nas nossas vidas.

Para que um dia, o mais em breve possível, todas aquelas pessoas possam fazer algo tão simples, tão banal aos nossos olhos, mas de que estão actualmente proibidas: dançar, rir... VIVER, no fundo.

S. M.